

Entre a estrutura e a ação, melhor a relação: para pensar a análise de redes sociais

Jean Henrique Costa*

Resumo

O presente ensaio objetiva discutir introdutoriamente algumas das características basilares da chamada Análise de Redes Sociais (ARS), buscando situá-la como uma teoria e uma metodologia que procura, *ab initio*, superar a clássica dicotomia entre “estrutura” e “ação” nas ciências sociais.

Palavras-chave: estruturalismo; individualismo metodológico; perspectiva relacional; análise de redes sociais.

Between structure and action, better the relation: To thinking the social network analysis

Abstract

This introductory essay discusses some of the basic characteristics of so-called Social Network Analysis (SNA), seeking to situate it as a theory and methodology that seeks, *ab initio*, overcome the traditional dichotomy between "structure" and "action" in the social sciences.

Key words: structuralism; methodological individualism; relational perspective; social network analysis.

* **JEAN HENRIQUE COSTA** é doutorando em Ciências Sociais (PGCS/UFRN). Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: jeanhenrique@uern.br

O pensamento sociológico nasceu, desenvolveu-se e ainda está intimamente incrustado na clássica dicotomia epistemológica estrutura x ação, sociedade x indivíduo, coerção x habilitação (*constraining x enabling*). Mesmo naquelas teorizações no qual se busca uma síntese epistemológica entre esses dois pólos de abstração metodológica e visão de mundo (Pierre Bourdieu e Anthony Giddens, por exemplo), permanece rugosamente o espectro de nossos ascendentes instituidores. Da maneira como não nos libertamos prontamente da condição de destros ou canhotos, continuamos ligados à nossa episteme matricial.

Jeffrey Alexander (1987) afirma que a partir de meados dos anos 40 do século passado (período do pós-guerra, 1939-45) surgiram duas grandes “revoluções” contra a dominação do funcionalismo. De um lado, surgiram escolas favoráveis a microteorização, enfatizando o caráter ocasional da ordem social e a centralidade da negociação individual. Do lado contrário, surgiram os defensores da macroteorização, destacando o papel das estruturas coercitivas na determinação do comportamento individual. Esses dois grandes movimentos, para Alexander, permearam os mais variados trabalhos empíricos e, ao mesmo tempo em que triunfavam operacionalmente, todavia, os seus impulsos iam declinando, decaimento esse devido à unilateralidade que tornava impossível uma sustentação (equilíbrio, quando possível) entre ação e estrutura. Desta forma, algumas reações a essa dicotomia foram brotando.

A análise de redes sociais (ARS) pode ser considerada um referencial teórico-metodológico que procura, grosso modo, dar conta da complexidade desta dicotomia, ao pensar como os indivíduos, em suas habilidades, constroem as relações sociais, e estas, por conseguinte, condicionam a estrutura social. Este pensar para além do “dicotomismo” não significa simplesmente buscar apaziguar estrutura e ação, mas sim, problematizar a realidade social de maneira não engessada, seja pelo lado da coerção social, seja pelo lado do individualismo metodológico. Redes são, ora imagens de “estruturas”, ora imagens de “variáveis”.

Pensamos como Eduardo Marques (2007) ao reconhecer que o poder possui uma *natureza intrinsecamente relacional* e que não é possível pensar as relações sociais a partir de escalas de abstrações que não levem em conta os diversos mecanismos relacionais. Em outras palavras, é preciso, como Bourdieu (2003), *pensar relacionalmente*, e ver, de um lado, o peso das estruturas e sistemas sociais e, de outro, os sujeitos e seus processos de decisões individuais. O real é relacional e, em sua concretude, requer, *ipso facto*, uma forma de tratamento voltada a perceber as várias conexões (e também desconexões!) sociais. É preciso, como Bourdieu, ver as relações entre as realidades e não apenas pensar em partes que podem ser vistas claramente. Por conseguinte, ao invés de pensar em classes, sujeitos, cidades e organizações *per se*, pensemos, então, em relações. Uma sociologia relacional, pensada estruturadamente a partir da segunda metade do século XX, somente possui razão de ser na expressão que diz: *as coisas são na medida em que estão!*

Ajuizar apenas acerca de atributos médios de uma determinada realidade pode mostrar um quadro empírico que não existe em realidade. É preciso estar atento a esse risco muito presente na análise estatística tradicional, focada no atributo dos indivíduos, já que o perfil médio não leva em conta as interações. Isso pode levar, a cabo, observar um indivíduo *médio* que não existe plenamente do ponto de vista da *empíria*, pois $A_2 + A_4 + A_6 + A_2 = A_{3,5}$ e, conforme claramente se nota, $A_{3,5}$ não existe na frequência dos quatro elementos citados. As relações, diferentemente dos atributos médios, captam os

laços entre indivíduos, inseridos num contexto específico, respeitando a diferenciação de cada atributo. O risco de parar na análise de atributo reside em sua forma rígida de ver o indivíduo. O atributo de timidez, por exemplo, pode se manifestar em alguns locais específicos, noutros não. Então, somente o atributo não é suficiente. Tem-se que inserir o atributo em contextos específicos, diferenciados e dinâmicos. Como já lembraram Talcott Parsons e Edward Shill (1980, p. 125), “tanto o *ego* como o *alter* constituem, cada qual, um objeto de orientação para o outro”. Desta forma, o ego pode mudar quando variar o alter.

Segundo Ritzer (1993), os analistas de rede se diferenciam basicamente dos enfoques sociológicos *atomistas* e *normativos*. “Las orientaciones sociológicas atomistas se centran en unos actores que toman decisiones por sí mismos sin contar con otros actores [...] Los enfoques normativos se centran en la cultura y el proceso de socialización mediante el cual se internalizan en los actores las normas y los valores”. (RITZER, 1993, p. 447-448). Em outras palavras, atomistas e normativos representam a modelar dicotomia indivíduo e sociedade. Eduardo Marques (2007) também concorda com essa afirmação, ao mostrar a incompatibilidade da análise de redes com o individualismo metodológico no sentido estrito, bem como, dizemos, perspectivas marxistas que anulam substancialmente a consciência reflexiva do indivíduo (por exemplo, a sociologia de Theodor W. Adorno). Destes dois pólos a teoria de redes sociais se afasta expressivamente¹.

Segundo Hanneman e Riddle (2005), a análise de redes usa uma linguagem específica para descrever o conteúdo e a estrutura das observações coletadas. Para eles, a análise social convencional se faz a partir da comparação da forma como atores são desiguais e/ou semelhantes entre si, através de atributos, e/ou ainda, a partir de suas distribuições (proporções). A análise de redes (em sua forma mais pura) possui como diferença fundamental o fato de ver como os atores estão localizados ou “*embeddedness*” (incrustados/imersos) na rede global².

Hanneman e Riddle (2005) são didáticos ao mostrar que para pensar além dos atributos do “*Ego*” é preciso, numa análise relacional, buscar ver a estrutura de conexões no qual o ator está inserido. Atores são, então, descritos por suas relações e não por seus atributos. As relações em si são tão fundamentais como os agentes que se conectam. Na análise de redes os sujeitos são “*nós*” - amarrações - e os *laços* são as relações entre os *nós*³. Eis os dois dados primários da *social network analysis*.

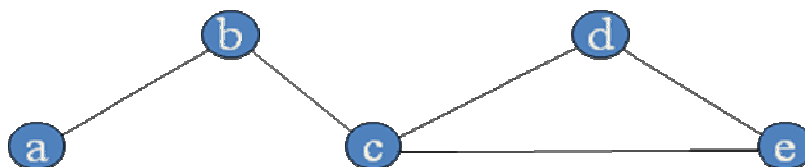


Figura 1 - Nós e Laços

¹ “La teoría de redes clarifica su interés primordial: la pauta objetiva de los lazos que vinculan a los miembros (individuales o colectivos) de la sociedad [...] Un aspecto distintivo de la teoría de redes es que analiza una amplia variedad de estructuras micro y macro [...] Los vínculos pueden establecerse en el nivel socioestructural macro, así como en los niveles más microscópicos”. (RITZER, 1993, p. 448).

² “This is the first major emphasis of network analysis: seeing how actors are located or ‘embedded’ in the overall network” (HANNEMAN; RIDDLE, 2005).

³ Os nós não necessariamente precisam ser indivíduos. A análise de rede considera como um *nó* pessoas, escolas, organizações, cidades, empresas, países, etc.

O termo *embedded* é central para a análise de redes sociais. Mark Granovetter (2007) sustenta que a maior parte do comportamento humano está profundamente imersa em *redes de relações interpessoais*, e que essa abordagem evita os extremos das visões *subsocionalizada* e *supersocionalizada* da ação humana (atomista e normativa, retomando a classificação de Ritzer). A ARS evita pensar alguns fenômenos sociais como mera imposição estrutural ou, no pólo oposto, como simples reflexividade dos sujeitos. O termo *embedded*⁴ possui o mérito de ver que os indivíduos estão imersos em redes e de que forma se estruturam essas redes.

Desta forma, a análise de redes sociais trabalha essencialmente a partir da abordagem sistêmica, ou seja, ver o mundo como um sistema interligado, à maneira descrita por Fritjof Capra. Para ele, “o padrão em rede (*network pattern*), especificamente, é um dos padrões de organização mais básicos de todos os sistemas vivos. Em todos os níveis de vida - desde as redes metabólicas das células até as teias alimentares dos ecossistemas -, os componentes e os processos dos sistemas vivos se interligam em forma de rede” (CAPRA, 2002). Particularmente, as redes sociais para o autor são antes de tudo “redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais, as relações de poder e assim por diante” (CAPRA, 2002).

Diante deste breve esquema introdutório, como pensar operacionalmente as redes sociais? Como pensar e como problematizar um estudo que leve em conta a sua complexidade estrutural? Em outras palavras: como pensar relacionalmente?

Em primeiro lugar, a análise de redes sociais não descarta nem impede a coleta de dados sociais pautados em atributos e proporções. Pelo contrário! Os atributos e proporções são requisitos lógicos para se compreender os padrões estruturais de uma rede. Assim, a pesquisa de redes sociais tem o mérito de dizer algo *para além* dos perfis e das proporções estatísticas. Essas informações taxonômicas servem para a compreensão dos *nós* na rede e de seus respectivos *laços*. Além do perfil, dados de proporção são também essenciais, já que a quantidade de determinados perfis pode configurar uma rede. Em síntese: a análise de redes não anula os dados convencionais.

Um segundo aspecto a ser levantado é que a análise de redes não é uma simples metodologia de campo, como muitos podem ser levados a crer. Trata-se, pois, de uma teoria e de uma metodologia, indissociavelmente consideradas no cerne da prática científica. É um caminho maior, bem como um instrumento específico.

Um terceiro ponto espinhal é o conceito de análise estrutural. Não se trata do estruturalismo conhecido nas ciências sociais, termo comumente recorrido a Claude Lévi-Strauss. Significa, todavia, uma estrutura no sentido de *topologia*, ou seja, desenho de rede, assinalando as posições dos nós e seus respectivos laços (relações). Nas palavras de Ritzer (1993, p. 447), “a los teóricos de redes les interesa menos filosofar

⁴ Há uma diferença de tradução do termo de língua inglesa *embeddedness*. Uma tradução brasileira trata-o como *imersão*, enquanto que uma tradução portuguesa o traduz como *incrustação*. Para ver as versões, observar os três textos mais facilmente disponíveis ao público brasileiro: 1. GRANOVETTER, Mark. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**, v. 91, n. 03, 1985; 2. GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da incrustação. In: MARQUES, Rafael; PEIXOTO, João. **A Nova Sociologia Econômica**: uma antologia. Oeiras: Celta Editora, 2003; 3. GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. Tradução de Cristina Yamagami e revisão técnica de Maurício C. Serafim. **RAE Eletrônica**, Fundação Getúlio Vargas, vol. 6, n. 1, jan./jun. 2007.

sobre las estructuras y mucho más el estudio metodológico, riguroso, empírico, e incluso matemático, de los diversos tipos de redes”.

Um quarto aspecto diz respeito a uma idéia de metáfora de rede. O pensar metaforicamente as redes é uma atividade muito anterior a *social network analysis*. Por exemplo, Georg Simmel (1980), ao pensar as díades como unidades básicas das relações sociais⁵, o fez relacionalmente. Contudo, não se tratava plenamente da análise de redes como a conhecemos hoje, pois as teorizações clássicas careciam de conceitos centrais atualmente desenvolvidos pela ARS – tais como centralidade, proximidade, intermediação, densidade, distância geodésica, etc., além do elemento tecnológico para uma melhor produção gráfica de estudos de caso. Mesmo assim, as metáforas de redes cumpriram um papel extremamente importante, sobretudo pelo pioneirismo. Hoje, em realidades de baixa complexidade estrutural, são muito aplicáveis, uma vez que a *intuição* pode ajudar no mapeamento mental de alguns desenhos de rede. O exemplo 2 de rede egocentrada a seguir demonstra que em situações de baixo entrelaçamento a rede pode sim ser visualizada mentalmente, devido fundamentalmente aos poucos *nós* existentes e suas poucas conexões (*laços*).

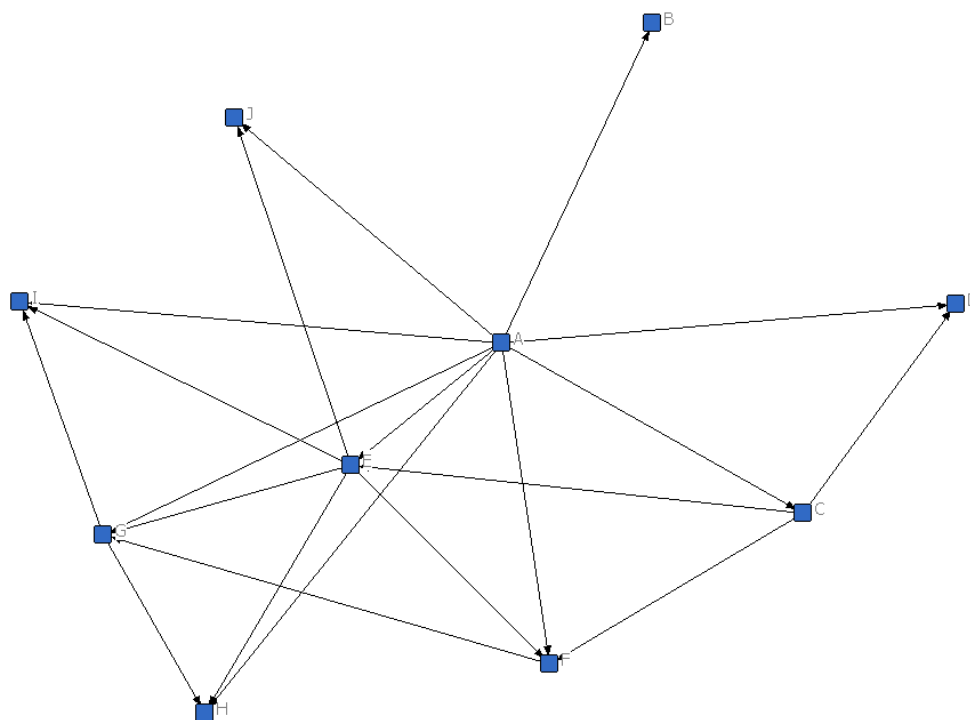


Figura 2 - Rede Egocentrada A ⁶

⁵ “A formação sociológica mais simples continua sendo, metodologicamente, aquela que opera entre dois elementos. Contém o esquema o germe e o material de inúmeras formas mais complexas [...] A díade, ela mesma, é uma sociação” (SIMMEL, 1980, p. 133).

⁶ Simulação de rede egocentrada criada utilizando-se do software *UCINET 6 for Windows*. In: BORGATTI, S.P.; EVERETT, M.G.; FREEMAN, L.C. *Ucinet for Windows: Software for Social Network Analysis*. Harvard, MA: Analytic Technologies, 2002.

128

ver predominantemente as maiores frequências estatísticas (o que é minoritário – *outliers* – tem importância na rede). Não há como buscar ver somente a homogeneidade e a dominância da realidade, pois o que é casual ou fortuito pode ter um efeito importante sobre a dinâmica da rede (o que Granovetter chamou de a força dos laços fracos).

Para Granovetter (1983), pessoas com poucos laços “fracos” podem, por exemplo, serem privadas de informações advindas de partes distantes do sistema social, limitando-se a notícias vindas de amigos próximos: *“It follows, then, that individuals with few weak ties will be deprived of information from distant parts of the social system and will be confined to the provincial news and views of their close friends”* (GRANOVETTER, 1983, p. 202). Assim, mesmo o casual ou o chamado *laço fraco* pode ter função basal numa rede.

Da mesma forma, não há como privilegiar ver relações de simetria ou assimetria. As redes são heterogêneas e há tanto laços equitativos quanto desiguais (embora as assimetrias de poder sejam mais a regra e menos a exceção). Alguns *nós* possuem maior faculdade de decisão/atração/carisma/convencimento, outros menos; contudo, há interações menos desiguais, por meio de indivíduos com posições mais ou menos semelhantes (e/ou recíprocas) na rede.

Os tipos de laços podem ser os mais diversos: parentesco, amizade, trocas materiais, conflitos, trocas de informação, atributos compartilhados, relações de trabalho, interesse afetivo, etc., ou ainda, podem ser direcionados (relação não simétrica, unilateral), simétricos (reciprocidade do laço) ou valorados (intensidade distinta do laço). Em todo caso, tem-se um referencial que não comporta a unilateralidade metodológica.

Por último, não para terminar, mas sim para anunciar uma situação do devir, as redes são dinâmicas e os *nós* estão em constante movimento. Alguns laços entre pessoas, grupos, situações, etc. se desfazem com grande volatilidade, outros não. Há redes em que a estrutura – no sentido topológico mesmo – condiciona a tal ponto os indivíduos que a mudança é mais lenta do que em outras de maior flexibilidade, em que uma simples alteração no desenho de rede pode alterar toda sua estrutura.

Laqueando essa questão (homogeneidade/heterogeneidade, simetria/assimetria e estática/dinamicidade), interessa reiterar que a análise de redes não comporta, em si, nenhuma redoma metodológica, a não ser aquela que permite observar as múltiplas possibilidades advindas das relações. A análise de redes, essencialmente sistêmica, permite, guardado o devido cuidado, considerar substancialmente as estruturas coercitivas da sociedade na formação dos laços, desde que não engendre nenhum fatalismo estrutural, bem como, também, buscar ver as possibilidades individuais frente à topologia da rede, desde que a análise não se torne atomizada. Se *as coisas são na medida em que estão*, não há como cristalizá-las previamente em atributos que podem cristalizar uma realidade que é, em si, maior do que sua própria medição. Em suma, assim como as redes são exemplos empíricos de *nós* inter-relacionados, a sua teorização também é uma inter-relação entre múltiplas possibilidades de análise.

Referências

- ALEXANDER, Jeffrey C. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, n. 4, v. 2, jun. 1987.
- BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: _____. **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.
- FAZITO, Dimitri de A. R. **Introdução à análise de redes sociais**. Curso Introdutório. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 16-20 de ago. 2010.
- GRANOVETTER, Mark. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. Tradução de Cristina Yamagami e revisão técnica de Maurício C. Serafim. **RAE Eletrônica**, Fundação Getúlio Vargas, vol. 6, n. 1, jan./jun. 2007.
- _____. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, vol 1, p. 201-233, 1983.
- HANNEMAN, Robert A; RIDDLE, Mark. **Introduction to social network methods**. Riverside, CA: University of California, 2005.
- MARQUES, Eduardo. Os mecanismos relacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ANPOCS, vol. 22, n. 64, p. 157-161, jun. 2007.
- PARSONS, Talcott; SHILL, Edward A. A interação social. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. 12. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1980.
- RITZER, George. **Teoría sociológica contemporánea**. Traducción de Maria Teresa Casado Rodrigues. Madrid: McGraw-Hill, 1993.
- SIMMEL, Georg. O indivíduo e a diáde. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio. **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. 12. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1980.